

## Resenha

VIEIRA Jr, Itamar. *Torto arado*. São Paulo, Editora Todavia, 2018, 264 páginas.\*

Por Gisele Cristina Pereira \*\*

Seria lugar comum ao se tratar de literatura a afirmação de que o livro nos transporta para seu universo construído em palavras. Mas como fugir de tal obviedade quando Itamar Vieira Junior nos conduz com tamanha maestria por imagens, odores, sons, sabores e sentimentos que nos capturam de tal forma que chegamos a confundir com aqueles que nos são próprios.

Por sua escrita Itamar encarna as memórias de mulheres que contam das dores vividas e testemunhadas por si próprias, mas que não são exclusivamente delas. São memórias que se entrelaçam naquelas das quais somos herdeiras e na própria história do Brasil, a ponto de já não distinguimos muito bem se tais memórias nos fizeram chegar por livros ou por causos que nos são próximos. Talvez por essa razão, nos penetrem de maneira tão cortante como a fio da faca de Donana.

Acompanhamos suas existências, encarnadas ou não, no transcorrer de um tempo que não é cronológico, mas das memórias. Desde o momento em que duas irmãs praticamente se fundiram em uma só, sendo uma a voz da outra que fora silenciada pelo fio cortante e encantador, encontrado dentre memórias doloridas no fundo de uma mala empoeirada. E a outra mesmo recolhida em silêncio e com menor idade, assumiu-se como coragem e proteção de ambas.

A língua que é amputada e encerra em silêncio é também símbolo da voz silenciada de seus ancestrais a quem foi violentamente retirado o direito de narrar sua própria história, mas que, assim como os rios vão rompendo as barragens, encontrando outras vazões.

Essas vozes transbordam no texto de Itamar, se revelam nesse entrelaçar de memórias que não reconhecem a temporalidade cronológica, dão saltos de um tempo a outro, da memória de uma a memória de outra. Mas que são costuradas pelo passado e pela condição comum que as aproximam em uma mesma teia de sentidos, assim como nos contos de nossos ancestrais.

As vemos crescer por entre o arrozal, brincando com Fusco, colhendo buriti às margens do rio Utinga, cantando nas noites de jarê. É quase possível visualizar seus corpos banhados pelo buriti que escorria sob o sol escaldante descrito como *uma fogueira de ponta cabeça*. Adentramos suas memórias, seus sentimentos frente as descobertas. A perda da inocência pueril.

---

\* Prêmio Jabuti de melhor romance literário de 2020.

\*\* Gisele Cristina Pereira é formada em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, tem especialização em Ciência da Religião pela PUC-SP e é mestranda em Ciência da Religião pela mesma Universidade onde também integra o Grupo de Pesquisa Gênero Política e Religião (GREPO). E-mail: gisele.crispe@gmail.com.

A descoberta de cada uma a seu tempo e a seu modo, de ser. A descoberta da do prazer de uma com o primo, a gravidez quando ainda mal se formava em corpo e entendimento de mulher adulta. O peso do patriarcado descobertos pela outra, que experimentou em seu corpo a constatação de que se aos homens recaía o fardo da exploração de seu trabalho incessante, às mulheres se agregava o trabalho de servir aos prazeres e necessidades de seus companheiros a quem depositavam suas querelas. A bebida em demasia para aplacar o dissabor de sua lida, se convertia no amargor experimentado pelas mulheres.

Acompanhamos também a consciência que foi sendo engendrada a partir do sofrimento, consciência de sua condição de mulher negra, pobre e explorada. A descoberta de sua condição de classe na pilhagem dos últimos alimentos por parte do capataz da fazenda. A consciência do que representa a escravidão em seus corpos negros. Carregando como fardo os resquícios de um tempo não muito distante que ainda não se encerrou em transcorrido, mas permanece na relação servil que lhes é imposta como sina.

Mesmo após a abolição, continuavam cativas como seus ancestrais. Cativas da terra que cultivavam com o suor de seu trabalho, mas sem receber pago ou consideração. Cativas das leis e interditos que eram impostos pelos donos da fazenda, estes saudosos do tempo em que também eram donos de gente. Interditos na casa que não podia levar tijolo, na roça que não podia cultivar o que não interessasse ao fazendeiro e mesmo o pouco que plantavam para o próprio sustento podia ser tomado.

Mais do que ter deixado suas marcas, a colonialidade continua a se fazer concretude no peso do cesto carregado de buriti e da própria existência batalhada incessantemente no trabalho de sol a sol, de domingo a domingo como descrito em suas narrativas. Histórias de violência e exploração que atravessam os tempos e a paisagem. Saem da fazenda e adentram as periferias das cidades, mesma condição, mesmos corpos negros desvalidos pela lei, desterrados, exterminados impunemente. Nas memórias violentadas com a proibição de enterrar seus mortos no cemitério, ou a mentira contada pelas autoridades para justificar o assassinato de quem se levanta contra a opressão dada como natural.

Mesmo a terra que julgavam ser o único pedaço de chão que lhes era reservado, lhes foi tirado o direito de cair nela depois que a vida lhes abandonasse os corpos. Seus corpos já não poderiam descansar ao lado dos seus, onde repousam as memórias e dores de sua comunidade. Tendo encontrado seu destino extremo pela força da violência que ele combatia, o corpo do marido de uma só encontrou descanso junto aos seus por meio da transgressão contra o sistema que lutava. Sua voz foi calada como aviso aos que ficam dos perigos e a consequência de se levantar a voz contra a tirania e a exploração.

Em sua cosmopercepção não cabia separação entre o mundo espiritual e o material. Da mesma forma que recebia os encantados em seu corpo, Zeca Chapéu Grande também era a liderança da comunidade que a ele recorria para apaziguar os *males do corpo e do espírito*. Por meio de seus encantados, que se manifestavam nas noites de jerê, e dos poderes que lhe conferiam, fazia valer as melhorias que sonhava para seus descendentes.

Os rituais não passavam por instituições, a autoridade religiosa provinha da experiência e do reconhecimento da comunidade. As noites de jarê lideradas por Zeca Chapéu Grande congregavam a comunidade formada pelas familiaridades de suas origens, histórias e pelo sofrimento enfrentados.

Por tantas histórias de sofrimento e de luta se entenderam quilombolas e

resistência que carregava em seu significado. Resistência de sua memória, suas crenças, seus saberes. Mais do que sua existência física, a luta pela dignidade e pela memória de seu povo expressa em suas crenças, na compreensão integral de corpo e espírito. O culto aos ancestrais também era uma forma de resistência e de luta contra o constrangimento da religião que se impunha como a salvação de suas almas enquanto explorava seus corpos.

Desde a chegada até a partida deste mundo passava pelos encantados, forças da natureza e arquétipos que se misturavam a este mundo em vontades, memórias e encantos. Sua presença era tão natural como qualquer outro ser vivente, e a eles confiavam a guarda de seus passos e a sorte de sua colheita.

Assim vemos se apresentar e entrelaçar nas anteriores, as memórias da encantada que vagava etérea sem seu cavalo. Uma entidade apartada da história, mas testemunha e vigilante de que esta não fosse esquecida. Uma guardiã das memórias antigas que nos desvela as memórias que não cabem no curto espaço da existência individual.

Por guardar a memória, Santa Rita Pescadeira guarda também a força da resistência e a fúria da revolta dos antepassados escravizados e as emprestam às mulheres que habita para que façam correr seus rios enfurecidos e libertos.

*Torto arado* expressa em suas letras vivas o sentido da decolonialidade. Não é, pois, um livro para ser lido sem mais, é algo para ser percebido com todos os sentidos, com toda nossa existência. É um fio cortante que rasga a alma para fazer nela penetrar as memórias de dores e resistência.

Pelas mãos de Itamar essa herança de memórias se faz chegar a nós que somos mulheres, negras e negros, a todas as pessoas inquietas, a quem as dores não lhes são impassíveis e a história não lhes é olvidada. É destinado a quem se permite encantar sem retirar os pés do chão duro e áspero da realidade. A quem se permite cortar, sentir, sangrar pelas histórias.